



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Amábile Luzia Martins

**Era uma vez e agora é assim: uma análise das versões dos contos infantis do
passado para a atualidade**

Florianópolis/ SC
2023

Amábile Luzia Martins

**Era uma vez e agora é assim: uma análise das versões dos contos infantis do
passado para a atualidade**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido
Ao Curso de Graduação em Pedagogia do Centro
de Ciências da Educação da Universidade Federal
de Santa Catarina como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Lapa de
Aguiar

Florianópolis/ SC
2023

Martins, Amábile Luzia

Era uma vez e agora é assim: uma análise das versões dos contos infantis do passado para a atualidade / Amábile Luzia Martins; orientadora, Lapa de Aguiar. Maria Aparecida. 2023. p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Graduação em Pedagogia, Florianópolis, 2023. Inclui referências.

1. Pedagogia. 2. contos de fadas. 3. uso dos contos na educação infantil. 4. a criança durante o desenvolvimento da sociedade. I. Lapa de Aguiar., Maria Aparecida. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Pedagogia. III. Título.

Amábile Luzia Martins

Era uma vez e agora é assim: uma análise das versões dos contos infantis do
passado para a atualidade

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título
de Licenciado e aprovado em sua forma final pelo Curso de Pedagogia.

Florianópolis, 01 de dezembro de 2023.

Profa. Dra. Simone Vieira de Souza (MEN/CED/UFSC)
Coordenação do Curso

Banca examinadora

Profa. Dra. Maria Aparecida Lapa de Aguiar (EED/CED/UFSC)
Orientadora

Profa. Dra. Lilane Maria de Moura Chagas (MEN/CED/UFSC)
Titular

Profa. Dra. Stefania Peixer Lorenzini (MEN/CED/UFSC)
Titular

Profa. Dra. Carolina Ribeiro Cardoso da Silva (MEN/CED/UFSC)
Suplente

Florianópolis/ SC
2023.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer à minha irmã Ana Paula Martins Fuzzi pelo apoio incondicional nesses 26 anos de vida, por ter segurado a minha mão desde o meu primeiro dia de vida. É uma honra que o universo tenha me escolhido para ser sua irmã, te amo incondicionalmente.

Gostaria de agradecer à minha família por todo o suporte e paciência nesses anos de graduação que não foram fáceis, só cheguei até aqui por causa de vocês.

Não posso esquecer de deixar um carinho especial a todas as professoras que passaram pelo meu caminho e com quem tive o privilégio de trabalhar, em especial à Célia Coelho de Magalhães Honorato, pelos ensinamentos, parceria e pelas broncas mensais que me ajudaram a crescer como profissional.

E, por último, mas não menos importante, às minhas crianças que me ensinaram mais do que eu ensinei a elas.

“Contos de fadas contêm muitas coisas além de elfos e fadas, e além de anões, bruxas, trolls, gigantes e dragões; eles contêm os mares, o Sol, a Lua, o céu; e a Terra e todas as coisas acima dela: árvores e pássaros, água e pedra, pão e vinho, e nós mesmos, homens mortais, quando estamos encantados.”

Tolkien (1892-1973)

RESUMO

Dentro da grande gama literária, os contos de fadas vêm marcando forte presença na vida de crianças, jovens e adultos, que se veem fascinados por esse mundo imaginário. Entretanto, as versões antigas se encontram bem distantes das atuais, pois os sentidos empregados para os contos não são os mesmos que os de antigamente, eles foram se alterando ao longo do processo histórico da sociedade. Nesse Trabalho de Conclusão de Curso, objetiva-se compreender as alterações ocorridas nos contos de fadas e a razão dessas histórias irem se modificando frente a embates, resistências e alterações de valores sociais. Para tanto, farei uma análise apoiada em livros, em estudiosos(as) e pesquisadores(as) que abordem essas modificações dos contos de fadas em suas várias versões (Verçosa (2017), Weeks (2007), Menezes (2017), Andersen (2023), dentre outros) . Essas alterações refletem reações de determinados grupos sociais, seja de forma reacionária ou revolucionária, que se posicionam frente a valores, ideologias, concepções de gênero, raça, classe social, no percurso da história humana. À medida que alguns grupos sociais foram fazendo tensionamentos e resistências começa a se destacar a importância da representatividade na contemporaneidade. Assim, os contos de fadas também vão passando por modificações para refletir essa diversidade. A representação feminina nos contos de fadas é um aspecto significativo, com personagens que variam de princesas a heroínas independentes. Essas histórias desempenham um papel fundamental na formação de crianças, transmitindo valores e ensinamentos importantes. Destaca-se, portanto, na atualidade a representação da diversidade e inclusão nos contos de fadas como um aspecto de relevância. Portanto, ao longo deste Trabalho de Conclusão de Curso, enfatizamos como os contos de fadas são mais do que apenas histórias encantadas, são reflexos das mudanças sociais e culturais ao longo da história humana e na atualidade vêm impulsionados por movimentos contrários a determinados posicionamentos e preconceitos hegemônicos. Em síntese, os contos de fadas e a literatura para a infância de modo geral, desempenham um papel essencial na educação das crianças, promovendo a criatividade, reflexão e podendo contribuir para a transformação da sociedade.

Palavras-chave: contos de fadas; criança; sociedade

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Representação de Ye Xian por Stephanie Pui Mun La.....	16
Figura 2 – François-Timoléon de Choisy.....	18
Figura 3 – Chapeuzinho Vermelho por Gustave Doré.....	22
Figura 4 – Representações da Ariel.....	25
Figura 5 – Carta de confisco ao livro Poço da Solidão.....	29
Figura 6 – Sophia e Constance.....	33
Figura 7 – Frida Kahlo.....	38

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	ERA UMA VEZ A PRIMEIRA VEZ	13
2.1	UMA VISÃO NÃO TÃO ENCANTADA	13
2.2	NO REINO DE TÃO, TÃO DISTANTE	14
2.3	ERA UMA VEZ A PSICANÁLISE	20
3	A MUDANÇA NOS CONTOS DE FADAS NA DIREÇÃO DE REPRESENTATIVIDADE	25
3.1	ALÉM DO ARCO-ÍRIS: A REPRESENTAÇÃO LGBTQIAP+ NOS CONTOS DE FADAS CONTEMPORÂNEOS.....	28
3.2	A PRINCESA SALVA A SI MESMA.....	33
4	APRESENTAÇÃO DE (RE)CONTOS DE FADAS: SUGESTÕES E POSSIBILIDADES PARA LEITURA.....	39
	CONCLUSÃO	44
	REFERÊNCIAS.....	46

1 INTRODUÇÃO

É fato universalmente conhecido que os contos de fadas têm um lugar especial na vida, principalmente das crianças, em todo o mundo. As histórias que percorrem a sociedade, seja por meio de livros ou filmes, como os amplamente difundidos pela empresa Disney, conquistam os corações tanto dos mais jovens quanto dos adultos. Quase todos nós podemos encontrar na memória aquela lembrança de um conto de fadas que fez parte de nossa jornada de vida.

Desde muito nova, a literatura e os contos em geral têm sido uma presença constante em minha vida. As histórias exerceram um papel importante, sendo meu refúgio e companhia constante nos momentos mais difíceis. Encontrei consolo nas páginas dos livros quando me sentia perdida ou desanimada, pois as narrativas proporcionavam uma fuga da realidade e uma oportunidade de explorar diferentes perspectivas.

Os livros também me apresentaram com amizades que me acompanham há mais de dez anos, permitindo-me viajar e conhecer pessoas incríveis. Obras como "Percy Jackson e o Ladrão de Raios" de Rick Riordan ou "Harry Potter" de J.K. Rowling têm fãs ao redor do mundo que se ajudam mutuamente a superar momentos difíceis e seguir em frente. Com o passar dos anos nos encontramos, pessoas de várias cidades, acompanhamos nossas formaturas de ensino médio, a luta para entrar em uma universidade até chegarmos à formatura, viajamos e nos encontramos e celebramos essa união que os livros nos trouxeram.

Ao longo de mais de uma década, esses livros se tornaram mais do que simples histórias. Eles se transformaram em portais para mundos mágicos e aventuras extraordinárias. Os fãs dessas obras (Potterheads ou Semideuses como se denominam) encontram-se em convenções, grupos, eventos temáticos e até mesmo em clubes de leitura, onde compartilham sua paixão.

Um grande exemplo dessa união que os livros trazem para os fãs da saga, veio através da morte do ator Michael Gambon, que interpretava o personagem Dumbledore desde 2004 e veio a falecer em setembro de 2023. Como forma de homenagear o ator os fãs seguiram uma tradição que tem suas origens nos livros. Eles se encontraram em frente ao castelo de Hogwarts no parque da Universal em Orlando com suas varinhas e ali ficaram com elas apontadas para o céu em minutos

de silêncio. A mesma forma de homenagem é abordada no livro “Harry Potter e o Enigma do Príncipe” na morte do personagem Dumbledore.

Após quatro anos de curso e convivendo diariamente com crianças nas instituições em que trabalhei, pude observar o quão importante a literatura é para o desenvolvimento delas. Fiquei fascinada ao vê-las encantadas pelos contos, pelas histórias que causavam medo, pelo folclore e pelo mundo mágico presente nos livros. Percebi como essas histórias exercem um papel significativo na compreensão da vida em si. Segundo Elenice Andersen (2019, p.16):

Narrativas ficcionais infantis ilustradas, além de contribuir para a alfabetização verbal e visual, oferecem uma fecunda possibilidade de leituras sobre si e sobre o outro, que podem favorecer o desenvolvimento de importantes habilidades socioemocionais na criança.

Dentro dessa ampla variedade literária, os contos de fadas têm forte presença na vida de crianças, jovens e adultos, fascinando a todos com esse mundo encantado. Os contos de fadas, em suas origens, serviam como meio de transmitir conhecimentos, ensinamentos e valores para as gerações passadas para as mais novas. Eles frequentemente continham lições morais, advertências e orientações sobre o que é certo e errado na vida.

Podemos citar como autores notáveis que contribuíram para a popularização dos contos de fadas os Irmãos Grimm¹, Hans Christian Andersen² e Charles Perrault³. Cada um desses escritores deu sua própria interpretação a contos já existentes, além de criar histórias que se tornaram clássicos do gênero.

Sabemos que as versões antigas se encontram bastante distantes das atuais. Por isso, as perguntas que nos orientam são: o que ocorreu para que esses contos fossem modificados? Quais as transformações notáveis nos dias de hoje que ocorreram nesses contos?

¹ Jacob Grimm (1785 -1863) e Wilhelm Grimm (1786 – 1859) escritores alemães conhecidos por escrever e adaptar histórias como Rapunzel, João e Maria, além de também publicarem versões de Chapeuzinho Vermelho e Cinderela.

² Hans Christian Andersen (1805 - 1875) autor dinamarquês conhecido por publicar contos como Patinho Feio, A Pequena Sereia, Polegarzinha, entre outros.

³ Charles Perrault (1628 -1703) autor francês que em seu livro *Histórias ou Contos do Tempo Passado com Moralidades (Ou Contos da Mamãe Ganso)* traz contos como Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, Bela Adormecida, entre outros.

O objetivo geral desse TCC é compreender as alterações ocorridas nos contos de fadas e a razão dessas histórias irem se modificando frente aos embates, resistências e alterações de valores sociais. Como objetivos específicos, elencamos os seguintes:

- Analisar alguns dos contos de fadas clássicos e contemporâneos na intenção de ressaltar aspectos relacionados à importância da representatividade na atualidade.

- Destacar referências atuais que podem contribuir para o processo de formação humana mais sensível às questões contemporâneas.

A metodologia de pesquisa se pautou em uma abordagem qualitativa, em que realizei uma análise histórica, buscando entender o contexto em que as mudanças ocorreram, portanto, apoiada em pesquisa bibliográfica, estudando livros, teses e dissertações para compreender as mudanças que ocorreram em diferentes épocas e as diferenças entre as histórias.

Nos próximos capítulos explorarei o tema trazendo uma abordagem histórica e contextualização da sociedade de cada época, seguido de uma exposição da importância da literatura para a formação de criança. Em seguida, abordarei a questão da revolução literária feita por negros, feministas e homossexuais. E, por fim, apresentarei livros que auxiliam nesse processo de formação literária tão importante para o desenvolvimento das crianças e para uma formação humana mais sensível às questões contemporâneas.

2 ERA UMA VEZ A PRIMEIRA VEZ

Podemos encontrar na história várias origens sobre os contos de fadas, como por exemplo em relação à personagem Cinderela. Longe de se parecer com a versão encantada da Disney, sua origem remonta ao século IX na China, que possuía a tradição dos “pés de lotus” em que se quebrava o pé das mulheres, que eram amarrados e cresciam deformados para que fossem os menores possíveis. Então se cria a Cinderela (que não tinha esse nome na época) com seus pés pequenos que levaram o príncipe a reconhecê-la.

Meio macabro? Sim, mas uma necessidade cultural da época. Durante a pesquisa descobri que todos os contos têm uma origem um tanto tenebrosa, buscando sempre se adequar a época em que foram criados, e é sobre esse fato que discorro nesse capítulo.

2.1 UMA VISÃO NÃO TÃO ENCANTADA

Quando estudamos sobre o conceito de infância, descobriremos que essa visão se modificou e muito através dos séculos. Até meados do século XVII não havia distinção entre crianças e adultos, elas se encontravam nos mesmos ambientes sendo expostas a todo o tipo de atrocidades. Durante a Idade Média (476 – 1453) a criança era vista como um adulto em miniatura. Já na Renascença (século XVII) o conceito de infância era ausente, não existia a separação de adultos e crianças., Assim,

[...] as crianças eram representadas como adultos em miniatura, sendo vestidas e expostas aos mesmos costumes dos adultos. Elas não tinham um tratamento diferenciado, nem um mundo próprio, não existia neste período, o chamado sentimento de infância (Niehues; Costa, 2023, p. 284).

Os “contos de fadas” eram bem diferentes nessa época, eles não tinham o foco na criança⁴, eram contados aos adultos de maneira oral e variavam de região. Um exemplo interessante é a Chapeuzinho Vermelho, nas primeiras versões da história ela não possuía esse nome (nome dado por Charles Perrault em 1697) e o caçador foi introduzido anos depois, na versão que hoje conhecemos. Mas então qual

⁴ Talvez as crianças até tivessem por perto, mas esse aspecto não era considerado.

era a função dos contos? Eram narrativas folclóricas e segundo os autores Mario e Daiana Corso (2006, p. 16):

A função das narrativas maravilhosas da tradição oral poderia ser apenas a de ajudar os habitantes de aldeias camponesas a atravessar as longas noites de inverno. Sua matéria? Os perigos do mundo, a crueldade, a morte, a fome, a violência dos homens e da natureza.

Algo parecido com as versões que conhecemos hoje em dia começou a ser elaborada a partir do século XVIII, com a criação do conceito de infância. Havia uma necessidade da igreja católica “formar novos cristãos” que seguissem as leis da igreja, assim houve uma associação da imagem da criança com a figura de anjos, isso se deu em grande quantidade através da arte que representava os anjos como pequenos e rechonchudos. Dessa maneira, a imagem da criança estaria ligada com a inocência e a pureza divina.

Assim foram se desenvolvendo não só novos estudos como também novas literaturas, que foram se adaptando não só conforme a visão da criança na sociedade que foi se modificando, para se adequar a concepções sociais de cada época, criar novas necessidades e manter certos estereótipos (de classe, de gênero, de raça).

2.2 NO REINO DE TÃO, TÃO DISTANTE

Os contos de fadas têm uma origem antiga e primitiva, muitas histórias eram contadas oralmente e, por esse motivo, iam sofrendo muitas modificações daqueles que as contavam e do lugar onde essa história era contada. A criação do alfabeto se deu por volta do século VIII a.C. Portanto,

De modo geral, os teóricos de todas as áreas concordam que o conto de fadas tem origens muito antigas, possivelmente pré-históricas, tendo se iniciado com as histórias contadas pelos xamãs e pelos anciãos das tribos ao redor do fogo (Merege, 2010, p. 9).

Na Grécia antiga, as histórias eram transmitidas através de poemas cantados, usando uma forma de memorização chamada *mimese*⁵. Após o século VIII a escrita e a oralidade começaram a coexistir, sendo no século seguinte a concretização escrita dos poemas épicos *Ilíada e Odisseia*, que marcaram um padrão de escrita para poetas

⁵ O termo *mimese* significa reproduzir ou imitar algo.

posteriores. Autores de diferentes épocas e culturas foram inspirados por seu estilo narrativo e pela estrutura de heróis em jornadas épicas.

Da mesma origem dos poemas gregos podemos extrair a origem dos contos de fadas, sendo as fadas em si inspiradas nas ninfas mitológicas, segundo Merege (2010, p.9),

[...] a etimologia do termo “fada” remonta à palavra feminina fata, variante de fatum (fado), que se relaciona a uma deusa do Destino. O termo significa, literalmente, “aquilo que é falado” e relaciona a figura das fadas à das Parcas, fiandeiras do destino... e à das sibilas, que predizem o futuro e fornecem conselhos e proteção ao herói ou heroína do conto.

Como abordado anteriormente, o conto da Cinderela tem sua origem no século IX. A tradição de quebrar o pé das mulheres, conhecida como "pés de lótus", estava associada à dinastia Tang, que governou a China a partir do século VI. No entanto, é importante notar que essa prática foi mais proeminente durante as dinastias subsequentes, como a Song, Yuan, Ming e Qing.

Os "pés de lótus" eram um procedimento extremamente doloroso e desfigurante que envolvia o enfaixamento apertado dos pés de jovens meninas, geralmente entre os quatro e nove anos, para limitar seu crescimento e causar deformações. O objetivo era criar pés pequenos e delicados, considerados um padrão de beleza e status social na sociedade chinesa patriarcal. Segundo Andersen (2019, p. 23):

A história chinesa provavelmente introduziu ao enredo o elemento do sapatinho perdido e a correspondente dona de pés pequenos. Isso se deve a um motivo cultural: no século 6º, a dinastia Tang definiu que uma valorosa e nobre mulher chinesa teria os menores pés possíveis e inventou a prática de amarrá-los. O negócio era violento. Por volta dos 3 anos, os dedos dos pés das meninhas eram quebrados e amarrados com faixas apertadas para que jamais crescessem - um pé ideal não deveria ter mais de 8 centímetros de comprimento -, o que as deixava aleijadas e impossibilitadas de se locomover normalmente para o resto da vida.

A prática tinha raízes complexas, entrelaçadas com noções culturais de feminilidade, status e casamento. Acredita-se que a aparência dos pés de lótus simbolizasse submissão, pureza e elegância, características que eram altamente valorizadas nas mulheres da época. Ter pés pequenos era considerado um sinal de status, já que apenas famílias ricas poderiam permitir que suas filhas passassem por

esse procedimento, visto que isso as tornaria menos capazes de realizar tarefas físicas, como trabalhar nos campos.

Nesse contexto, surge a história de Ye Xian, também conhecida como “A Cinderela Chinesa”, como o próprio nome sugere a história tem várias características parecidas com a Cinderela. Ye Xian é órfã, criada pela sua madrasta e meia-irmã malvadas, só que Ye Xian ao invés de uma fada madrinha, tem um peixe mágico, que concede desejos e lhe dá um lindo vestido, e um chinelo de ouro ao invés de um sapatinho de cristal.

Figura 1 Representação de Ye Xian e o peixe mágico por Stephanie Pui Mun La



Fonte: <https://www.shadowscapes.com/image.php?lineid=4&bid=1075>

Nesse contexto, os pés grandes da madrasta e das irmãs servem como uma metáfora visual para sua personalidade, refletindo sua natureza egoísta e insensível. A imagem de alguém com pés grandes e desajeitados pode simbolizar uma falta de graça, elegância e, muitas vezes, uma falta de empatia, ou seja, um estereótipo é criado. Essa representação sugere que a madrasta e as irmãs não possuem as qualidades intrínsecas de figuras amorosas e cuidadosas. Por outro lado, a própria Cinderela é frequentemente retratada como gentil, graciosa e caridosa. A ênfase em

seus "sapatinhos de cristal" reforça sua fragilidade e delicadeza, características contrastantes com os pés grandes da madrasta.

O conto da Cinderela é um exemplo notável de como uma narrativa pode se modificar ao longo do tempo representar valores de determinados grupos da sociedade em diferentes épocas e culturas. Desde suas origens antigas até as diversas versões modernas, o conto da Cinderela passou por várias mudanças para se adequar às mudanças sociais e expectativas de cada contexto, deixando de contemplar alguns outros grupos sociais. Ou seja,

A fábula, qualquer que seja sua origem, está sujeita a absorver alguma coisa do lugar onde é narrada – uma paisagem, um costume, uma moral, ou então apenas um vago sotaque ou sabor daquela região (Calvino apud Hueck, 2017, p. 24).

Com base nessa afirmação podemos saltar alguns anos à frente com Charles Perrault, no século XVII. Nesta época na França ocorria o reinado de Luís XIV, também conhecido como “Rei Sol”. E então você pode se perguntar “afinal, como Luís XIV tem relação com a adaptação dos contos de fadas?” E a resposta é: tudo. Luís XIV foi um rei muito extravagante, afinal o seu apelido está aí por um motivo, ele não tinha apenas influência política, como também nas artes, moda e cultura, ele se transformou em um símbolo da ostentação, e usava todos esses aspectos para aumentar sua popularidade.

Nessa mesma época chegou ao ouvido das pessoas que participavam de sua corte, que Luís XIV criava seu irmão mais novo Felipe I, O Duque de Orleans, como uma mulher para que não houvesse nenhuma ameaça ao trono. Nesse contexto, a família Choisy decide então replicar essa criação com seu filho François-Timoléon de Choisy, a ideia é que ele se tornasse amigo de Felipe, o que abriria as portas para a família na corte de Luís XIV. De acordo com Andersen (2019, p. 46):

Madame de Choisy, era uma puxa-saco oficial da realeza e tinha como objetivo de vida manter-se o mais próximo possível do poder, frequentando os salões e as festas mais badaladas. Não media esforços para agradar e servir os altos escalões. Realmente não media esforços. Quando soube que o pequeno Filipe, o irmão mais novo do rei Luís 14, estava sendo criado como menina para ficar com “trejeitos afeminados” e nem sonhar em disputar o trono com o irmão mais velho, Madame de Choisy não teve dúvidas: começou a fantasiar o próprio filho de menina também. A ideia é que os dois meninos-meninas pudessem brincar juntos e, assim, a família Choisy se aproximasse ainda mais da realeza.

A questão é que mesmo após adulto François nunca perdeu o hábito de se vestir como mulher, ele chegou até mesmo a ser ordenado padre, e seus hábitos continuaram os mesmos. Nesse contexto pode surgir a dúvida “mas então ele era uma mulher trans?”. E a resposta é: não. Ele se interessava por mulheres, e se identificava como pertencente ao gênero masculino. Aqui vamos a uma fofoca histórica das boas, ele se aproveitava dos seus modos de agir, vestir e até mesmo de sua ordenação como padre para se aproximar das moças da época.

Figura 2 François-Timoléon de Choisy



Fonte: <https://partylike1660.com/francois-timoleon-de-choisy/>

Naquele tempo havia o hábito de se manter as mulheres afastadas do sexo masculino até a idade do casamento, entretanto, as mães mandavam as filhas até a casa de François para adquirir algum conhecimento sobre moda e etiqueta. Assim as meninas acabavam indo para cama com ele que gostava de contar para todas as suas “conquistas”. Então,

Como estava sempre vestido de mulher, mães e pais não temiam em manter as filhas por perto. Moças da corte, que eram criadas para ficar bem longe de qualquer homem até o dia do casamento, conviviam tranquilamente com o rapaz de vestido. Mães mandavam as filhas

para a casa de Choisy para tomar aulas de moda, etiqueta e interpretação. O futuro abade gostava de se vangloriar de suas conquistas sexuais e deixou registrado em suas memórias como costumava receber as jovens da corte em sua cama (sempre vestido de mulher, é claro), onde rezava e pedia beijos de boa-noite, fingindo ser uma inofensiva dama, até ir aos finalmente com elas. Não à toa, uma das meninas enviadas à casa dele para ter aulas de etiqueta ficou grávida (Andersen, 2019, p 47).

E aí você pode vir com outra pergunta “mas o que os contos de fadas têm a ver com tudo isso?”. Na mesma época, na mesma corte podemos encontrar Charles Perrault, que também se empenhava para conseguir um papel de destaque no meio desse monte de gente maluca. Assim ele conhece François e todos os escândalos em que ele estava envolvido, Perrault recria (visto que os contos são de origem popular) então uma de suas histórias mais famosas que nomeou como “Le Petit Chaperon Rouge”⁶ (no bom e velho português, Chapeuzinho Vermelho). Em 1697 o autor então publica seu livro *Histórias ou Contos do Tempo Passado com Moralidades (Ou Contos da Mamãe Ganso)*⁷ em que podemos encontrar morais no final de cada conto:

Ora, crianças, tomem cuidado e, principalmente, eu rezo
 Vocês mocinhas tão delicadas e belas,
 Quando encontram todo tipo de gente, tenham cuidado
 Para não ouvir o que eles podem dizer;
 Pois não se pode achar estranho se você o fizer,
 Se o Lobo decidir comer algumas.
 O Lobo, digo aqui, pois vocês vão descobrir
 Que existem muitos lobos de raças diferentes;
 Alguns têm modos calmos e são domesticados,
 Sem malícia ou temperamento, iguais,
 A maioria prestativos e doces do seu jeito,
 Gostam de seguir suas presas jovens,
 E vão rastreá-las até suas casas – todo dia!
 Quem, entre nós, não aprendeu até agora a saber,
 Os lobos mais perigosos são inimigos gentis e de língua afiada!⁸
 (Perrault, apud Caires, 2019. p 83)

Podemos observar que a história aqui já traz uma representatividade e uma função, uma maneira de dizer que “nem tudo o que reluz é ouro” ou talvez “se eu não obedecer a minha mãe talvez eu seja devorada por um lobo de camisola”. Um aviso muito válido para a época.

⁶ Chaperon é uma touca ou capuz muito utilizado na Europa na época em que a história foi escrita.

⁷ Do Francês *Histoires ou contes du temps passé* (ou *Conte de ma mère l'Oye*).

⁸ A formatação foi mantida da maneira original que foi exposta devido ao tom poético que ela tem.

Como dito anteriormente, os contos de fadas eram direcionados de certa maneira a adultos, pois não havia uma consideração sobre a infância, e essas histórias eram muito mais sangrentas e imorais do que as que conhecemos hoje em dia, a versão de Perrault é adaptada para servir à versão de infância que se tinha na época, não tendo o caçador e muito menos um final feliz, Chapeuzinho Vermelho é devorada pelo lobo. Já na versão dos Irmãos Grimm de 1812 existe um caçador, que salva a vovó da barriga do lobo, enquanto Chapeuzinho Vermelho enche a barriga do animal de pedras.

É importante ressaltar que para escrever a história da Chapeuzinho Vermelho, Perrault fez a junção de vários contos populares e mitos famosos na época, como por exemplo a história de Cronos que devora seus filhos. Outra história também utilizada é a de Egberto de Liéges, que leva o nome de *Fecunda Ratis (1023)*, que conta a história de uma menina que usava uma capa vermelha e foi achada em companhia de lobos.

As mudanças nos contos de fadas ao longo do tempo refletem as mudanças na sociedade e na percepção do que é apropriado para diferentes faixas etárias a partir de uma concepção de um determinado grupo social. As versões originais eram, de fato, mais sombrias e destinadas a adultos, servindo como uma espécie de advertência moral. Chapeuzinho Vermelho, na versão de Perrault, não escapava do destino trágico que enfrentava.

Entretanto, à medida que essas histórias foram adaptadas para as crianças, especialmente no século XIX com os Irmãos Grimm, elas foram suavizadas para se adequarem a um público mais jovem. A introdução do caçador como salvador e a adição de elementos mais leves, como as pedras na barriga do lobo, tornaram as histórias mais apropriadas e moralmente enriquecedoras para as crianças.

2.3 ERA UMA VEZ A PSICANÁLISE

Em um dos seus trabalhos mais famosos, *A Psicanálise dos Contos de Fadas (1976)*⁹, Bruno Bettelheim aborda como os contos de fadas auxiliam as crianças a compreenderem os conflitos e desempenham um papel fundamental nas questões

⁹ Essa obra é considerada um clássico e teve uma repercussão bastante grande nos estudos sobre literatura no contexto mundial e brasileiro. Muito embora, alguns posicionamentos de época já sejam contestados na atualidade.

psicológicas e emocionais, pelas quais as crianças passam em seu processo de crescimento. Segundo o autor, os contos de fadas ajudariam a criança a acessar o seu inconsciente, por meio dos conflitos que acontecem no decorrer das histórias. Sendo assim,

[...] por meio deles pode-se aprender mais sobre os problemas íntimos dos seres humanos e sobre as soluções corretas para suas dificuldades em qualquer sociedade do que com qualquer outro tipo de história compreensível por uma criança (Bettelheim, 1976, p 12).

Muitas das histórias, principalmente as mais antigas, possuem conflitos que encaramos todos os dias, como por exemplo, a morte. Muitas das histórias começam com as crianças perdendo algum dos pais e ficando sozinhas no mundo, questões como bem e mal.

Como já comentado anteriormente, os contos de fadas foram sofrendo muitas adaptações com o decorrer das décadas, e sobre esse aspecto o autor traz uma crítica. Nas adaptações feitas atualmente, principalmente os que são da empresa Disney, vemos duas situações, a primeira é que o mal é quase sempre mascarado com uma cara feia, verde e cheia de rugas, ele é facilmente reconhecido e combatido. Já alguns dos contos mais antigos possuíam um aspecto sedutor do mal, o qual era quase sempre atrativo.

Figura 3: Ilustração de Gustave Doré (1832-1883) para o livro Contes de Perrault,

1862.



Fonte: <https://www.culturagenial.com/conto-chapeuzinho-vermelho/>

A imagem de Gustavo Doré (1832 -1883) representa uma das versões de Perrault sobre o conto, no qual a Chapeuzinho Vermelho parece não demonstrar medo, mas sim o encanto pelo lobo, que se apresenta como sedutor e encantador e não como um monstro. A história apresenta um claro conflito, sobre fazer o que deve ser feito e fazer o que tem desejo. Chapeuzinho Vermelho claramente escolhe fazer o que deseja, e só volta ao caminho correto quando seus desejos já estão saciados.

Em uma parte da história de Perrault podemos encontrar essa “divisão de água” de uma maneira bem explícita, a Chapeuzinho apesar dos avisos da mãe, encontra o lobo em uma bifurcação da estrada, assim simbolizando essa divisão através da decisão dos caminhos a serem tomados e do lobo, sedutor, a representação do mal em sua bela face.

Bettelheim faz uma crítica ao conto de Perrault, pois este apresenta um final admonitório¹⁰ e bem explícito, o que acabaria impedindo o leitor de fazer uma interpretação pessoal da história. Em suas palavras:

Todos os bons contos de fadas têm significados em muitos níveis; só a criança pode saber quais significados são importantes para ela no momento. À medida que cresce, a criança descobre novos aspectos destes contos bem conhecidas, e isto lhe dá a convicção de que realmente amadureceu em compreensão, já que revela tantas coisas novas para ela. Isto só pode ocorrer se a criança não ouviu uma narrativa didática do assunto. A história só alcança um sentido pleno para a criança quando é ela quem descobre espontânea e intuitivamente os significados previamente ocultos. Esta descoberta transforma algo recebido em algo que ela cria parcialmente para si mesma (Bettelheim, 1976, p. 238).

Já na versão dos irmãos Grimm há uma modificação no final em que o lobo é morto. Nessa versão, o caçador abra a barriga do lobo e tira a vovó de dentro, enchendo a barriga do lobo de pedras, e jogando ele em um poço¹¹.

Na história, a mãe de Chapeuzinho Vermelho a envia para visitar sua avó doente e pede que ela siga o caminho direto sem se desviar. No entanto, enquanto está na floresta, ela encontra o Lobo Mau que é frequentemente interpretado como o desejo pelo novo e desconhecido, representa uma quebra das instruções maternas.

Além disso, o Lobo Mau também pode ser visto como uma figura ambígua que desperta sentimentos em Chapeuzinho Vermelho. Isso simboliza os sentimentos conflitantes que as crianças podem ter em relação aos pais ou a outros adultos.

Entretanto, é importante notar que a história de "Chapeuzinho Vermelho" não se aprofunda explicitamente na resolução desses conflitos. Em vez disso, ela termina com uma lição moral que todos conhecemos. Essa lição, ao destacar a obediência aos pais e a cautela em relação a estranhos, pode ser vista como uma forma de orientação para ajudar as crianças a lidar com os desafios emocionais que fazem parte do processo de crescimento.

¹⁰ Que possui uma advertência ou repreensão.

¹¹ Em outra versão o lobo cai em um poço atraído por salsichas jogadas pela Chapeuzinho Vermelho, morrendo assim afogado.

3 A MUDANÇA NOS CONTOS DE FADAS NA DIREÇÃO DE REPRESENTATIVIDADE

Como abordado anteriormente, os contos de fadas vêm de uma tradição oral que atravessou gerações, eles tinham o intuito de ajudar os camponeses a atravessar os desafios da vida. No entanto, à medida que essas histórias foram registradas e adaptadas, elas passaram por mudanças significativas. Podemos observar que nos contos clássicos como os de Charles Perrault, Irmão Grimm e Hans Christian Andersen, as personagens principais muitas vezes eram representadas como mulheres brancas, delicadas e que precisavam de um herói para serem tiradas da torre. Entretanto, essa visão foi se modificando com o tempo, sendo assim foi criada a necessidade de adaptação das histórias fantásticas para a adequação à sua época e para atender a determinados valores, ideologias, concepções. Segundo Parreira (2021, p. 5):

Pensando na história dos contos de fadas, pode-se afirmar que desde suas origens os contos vêm sofrendo adaptações. Pode-se considerar como um primeiro processo de adaptação aquele que passaram de contos sangrentos [...] para versões mais aceitáveis, como as de Perrault que foram alteradas pelos Grimm para serem socialmente mais admissíveis e mais tarde por Walt Disney que fez seus embelezamentos nessas mesmas histórias para serem transmitidas através das telas de cinema e TV.

À medida que a sociedade foi passando por mudanças e movimentos de resistência foram criados para lutar contra o processo de opressão, os contos de fadas também começaram a passar por adaptações significativas. As adaptações que podemos ver nos últimos anos trazem uma variedade em termos de raça e etnia. Essas adaptações têm o poder de inspirar uma nova geração de crianças ao apresentar modelos mais inclusivos e empoderadores.

A representação inclusiva nos contos de fadas desempenha um papel significativo na formação das percepções e valores das crianças. Quando as crianças veem personagens que se parecem com elas nas histórias, elas desenvolvem um senso de pertencimento. Por outro lado, quando as crianças não se veem representadas, elas podem se sentir excluídas ou inferiores. Isso pode afetar sua autoestima e sua identidade cultural. Além disso, os contos de fadas tradicionais tendem a reforçar estereótipos de gênero, raça e classe, que podem limitar as

possibilidades e aspirações das crianças. Por isso, é importante que os contos de fadas sejam mais inclusivos e diversos, refletindo a realidade da sociedade atual.

Uma das últimas e importantes modificações relacionadas ao conto “A Pequena Sereia” de Hans Christian Andersen, feita pela empresa Disney em 2023, foi a escolha por uma protagonista negra, que causou grande reação a certas vertentes da internet, principalmente em grupos conservadores.

O filme tem sido elogiado por sua representatividade, pois conta com um elenco diverso, que inclui a atriz negra Halle Bailey como Ariel, o ator espanhol Javier Bardem como o rei Tritão.

Figura 4: Ariel representada pela Disney 1989 (esquerda) e 2023 (direita)



Fonte: <https://disneyplusbrasil.com.br/5-grandes-diferencas-entre-a-pequena-sereia-da-disney-e-o-conto-original/>

Historicamente, muitos contos de fadas clássicos foram criados em uma época e em contextos culturais que não refletiam a diversidade racial. Isso levou a uma falta de representação de personagens negros nessas histórias.

A falta de representatividade negra nos contos de fadas é um reflexo profundo das narrativas históricas e culturais que moldaram essas histórias ao longo dos séculos. Muitos contos de fadas têm suas raízes em tradições europeias antigas, onde a população predominantemente branca era a protagonista da narrativa. Essas

histórias foram transmitidas ao longo do tempo, perpetuando uma visão de mundo eurocêntrica e excluindo representações mais diversas.

A representação de personagens negros em papéis principais em contos de fadas oferece oportunidades para crianças negras se identificarem com personagens heroicos e se sentirem empoderadas. No entanto, a introdução de personagens negros em papéis tradicionalmente brancos muitas vezes enfrenta resistência, trazendo o argumento de que a tradição dos contos de fadas estaria sendo prejudicada com essas novas adaptações. Por exemplo, “Ariel não é mais uma ruiva de olhos azuis, mas uma menina negra de olhos castanhos”, o que não passa de um comentário que busca encobrir o racismo encrustado na sociedade. Vale lembrar que:

[...] quem conta um conto aumenta um ponto [...], [no qual] a insistência na ideia de branqueamento, o suposto de que quanto mais branco melhor, fala não apenas de um acaso ou de uma ingênua coincidência em uma narrativa infantil, mas de uma série de valores dispersos na nossa sociedade e presentes nos espaços pretensamente mais impróprios. A cor branca, poucas vezes explicitada, é sempre uma alusão, quase uma bênção; um símbolo dos mais operantes e significativos, até os dias de hoje (Schwartz apud Tavares, 2021, p. 209).

As adaptações atuais dos contos buscam uma representatividade e inclusão importantes para a superação de tais preconceitos, elas estão dando voz e valorizando a diversidade, permitindo que crianças negras e de outras origens étnicas se identifiquem com personagens heroicos e se sintam empoderadas por essas narrativas. Essa mudança reflete não apenas uma alteração nas histórias em si, mas também uma conscientização crescente sobre a importância da representação na literatura e na cultura popular.

A literatura infantil é uma ferramenta essencial para a formação de cidadãos críticos e criativos, capazes de transformar a sociedade em que vivem. Os contos de fadas não são apenas entretenimento, mas também educação, pois transmitem valores, ensinamentos e reflexões sobre a vida. Por isso, é fundamental incentivar o gosto pela leitura desde cedo, proporcionando às crianças o acesso a livros de qualidade e diversidade. Assim, elas poderão se identificar com as histórias, ampliar seu repertório cultural e linguístico e desenvolver sua imaginação e sensibilidade.

3.1 ALÉM DO ARCO-ÍRIS: A REPRESENTAÇÃO LGBTQIAP+ NOS CONTOS CONTEMPORÂNEOS

Enquanto em “A Pequena Sereia” podemos encontrar uma representação importante tanto para as crianças quanto para dos adultos, a representação da comunidade Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgêneros, Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais e demais orientações (LGBTQIAP+) nos contos de fadas para o público mais jovem é um tema um pouco mais sensível. Entretanto, antes de abordar esse tema gostaria de fazer um apanhado sobre a representação da comunidade LGBTQIAP+ na literatura.

A representação LGBTQIAP+ na literatura é algo relativamente novo. Na Idade Média, discussões sobre esse assunto eram basicamente inexistentes, ou mascaradas.

Nos séculos XIX e XX, um novo movimento literário trouxe uma nova abordagem sobre a identidade sexual, de forma direta e muitas vezes trágica. Autores como Oscar Wilde enfrentaram a censura e prisão devido à sua sexualidade. No século XX, escritores como Virginia Woolf e Radclyffe Hall abordaram questões de identidade sexual e de gênero, enfrentando controvérsias e censura.

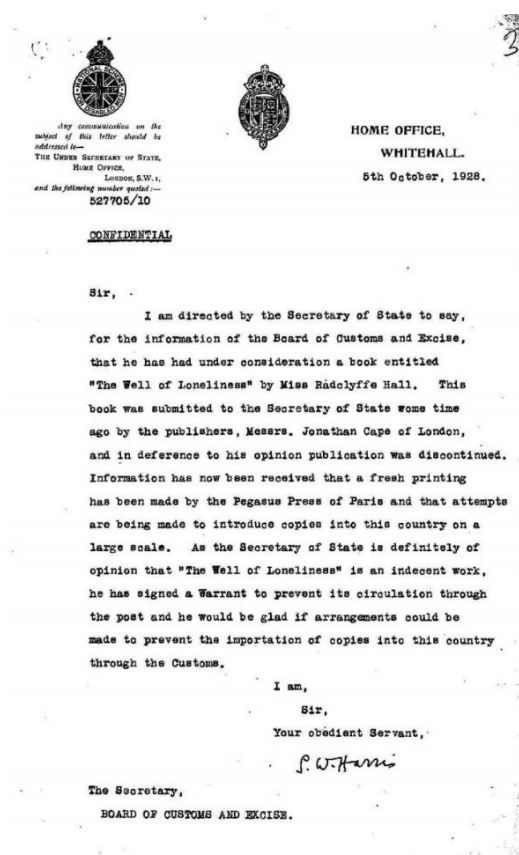
Radclyffe Hall e Virginia Woolf foram duas escritoras inglesas que marcaram a literatura do século XX com suas obras que abordavam questões de gênero e sexualidade. Ambas eram lésbicas e enfrentaram a censura e o preconceito da sociedade conservadora da época. Radclyffe Hall publicou em 1928 o romance “O Poço da Solidão”, considerado um manifesto em defesa dos direitos das minorias sexuais. O livro narra a história de Stephen Gordon, uma mulher que se veste como homem e se apaixona por outras mulheres, e que questiona sua identidade e seu papel social.

O livro foi proibido na Inglaterra por ser considerado obsceno e imoral, e gerou um grande debate público sobre a liberdade de expressão. Radclyffe Hall contou com o apoio de vários intelectuais, entre eles E. M. Forster, que escreveu uma carta em sua defesa publicada na revista Nation. Segundo Danieli (2022, p. 2),

O poço da solidão passa por um processo de censura e é proibido de circular na Inglaterra pouco depois da publicação, em julho de 1928.... O argumento enfatiza ser inadmissível difundir um texto que demonstra a “inversão sexual” e a “perversão”, pois causaria depravação às mentes influenciadas por tal imoralidade.

Virginia Woolf, que também assinou a carta, publicou no mesmo ano seu romance Orlando, uma obra-prima celebrada, que subverteu a censura e revolucionou a política do amor entre pessoas do mesmo sexo. O livro conta a história de Orlando, um personagem que vive por séculos e que muda de gênero ao longo da narrativa, explorando as diferentes formas de expressão e experiência da identidade sexual.

Figura 5: Carta da Junta de Alfândega e Impostos Especiais sobre o planejado confisco de cópias de 'The Well of Loneliness' que estão entrando no Reino Unido.



Fonte: <https://blog.nationalarchives.gov.uk/i-need-never-have-known-existence-radclyffe-hall-and-lgbtq-visibility/>

"Sr,

Fui instruído pelo Secretário de Estado para informar a Junta de Alfândega e Impostos Especiais que ele analisou um livro intitulado "The Well of Loneliness" de Sra. Radclyffe Hall. Este livro foi submetido ao Secretário de Estado há algum tempo pelos editores, a empresa Messrs. Jonathan Cape de Londres, e, em deferência à sua opinião, a publicação foi interrompida. Agora, recebemos informações de que uma nova impressão foi feita pela Pegasus Press de Paris e que estão sendo feitas tentativas de introduzir cópias deste livro neste país em grande escala.

Visto que o Secretário de Estado está firmemente convencido de que "The Well of Loneliness" é uma obra indecente, ele assinou uma autorização para impedir a circulação pelo correio, e ficaria grato se fossem feitos arranjos para impedir a importação de cópias deste livro para este país através da Alfândega.

Atenciosamente,
Seu obediente servo.
(Assinatura ilegível)¹²

Durante a década de 1960 houve uma revolução ligada aos códigos e valores. Essa revolução envolveu aspectos políticos, culturais, sociais e comportamentais, e teve como protagonistas os jovens, que contestavam as normas e as autoridades estabelecidas. A quebra de códigos de conduta se manifestou de diversas formas, como na música, na arte, na moda, na sexualidade e na religião. Os movimentos de contracultura, como o hippie, o feminista e o pacifista, expressavam o desejo de liberdade, e de mudança social. Esses movimentos influenciaram e foram influenciados por acontecimentos históricos importantes, como a Guerra Fria, a Guerra do Vietnã, a luta pelos direitos civis. Segundo Weeks (2007, p. 37):

Ao redor dos anos 60, um novo liberalismo ("permissividade") parecia dividido entre um relaxamento dos velhos códigos sociais autoritários e a descoberta de novos modos de regulação social, baseados no que havia de mais moderno na psicologia social e numa redefinição da divisão público/privado.

Desse modo havendo reflexos na literatura, podemos citar aqui obras como "City Of Night" de John Rechy que destaca as complexidades e desafios enfrentados por indivíduos LGBT na década de 1960. A partir dessa quebra de códigos houve uma crescente nas discussões e representação da comunidade LGBTQAP+, tanto na literatura como política e socialmente.

A literatura pode ser um espaço de expressão, resistência e visibilidade, além de contribuir para o debate e a conscientização sobre a diversidade. Por meio da literatura, é possível conhecer diferentes realidades, experiências e sentimentos de pessoas que vivem à margem da sociedade heteronormativa e patriarcal. A literatura também pode ser uma forma de denunciar as opressões, violências e injustiças que as pessoas LGBTQAP+ sofrem diariamente, bem como celebrar suas conquistas, lutas e identidades. Segundo Verçosa (2017, p. 2),

¹² Tradução livre da referente carta.

Encontrar exemplares de livros que trouxessem essas questões nas estantes das livrarias não era algo tão comum de se ver há uns cinco anos. Porém, hoje eles estão lá, podendo contribuir com o intuito de minimizar a violência e propagar o conhecimento a respeito desse grupo. Essas obras se tornam meio de visibilidade e são voltadas para diferentes faixas etárias, como livros infantis, jovens e adultos.

A representatividade LGBTQAP+ na literatura vem em uma crescente, livros que apresentam protagonistas homossexuais, assim como escritos por pessoas que fazem parte da comunidade vem ganhando força. Livros direcionados ao público jovem adulto, como “Over The Rainbow: um livro de contos de fadas” e “Cinderella está morta” trazem esse mundo das fadas para a comunidade LGBTQAP+, que se veem representados e se enxergam nos personagens ou apenas querem ler algo que aborde um pouco do seu mundo.

Figura 6: Representação de Sophia e Constance do livro "Cinderella está morta" de Kalynn Bayron



Fonte: Por Maria Isabel Ceballos Barcelos - @itsmaria.cb

Quando se trata de literatura para criança a questão é mais complexa, a literatura que aborda temas LGBTQAP+ voltando para o público infantil, embora em ascensão, enfrenta desafios significativos. Um dos principais desafios está nas questões políticas que envolvem a sua existência e acesso. Frequentemente esse tema se torna objeto de polêmicas em ambientes escolares. Debates surgem sobre a inclusão ou exclusão de tais livros nos currículos escolares, refletindo os preconceitos da sociedade. Assim,

Recentemente, livros com temática LGBTTT para crianças foram escritos, mas ainda não é tão comum ver crianças os lendo. Isso acontece por razões diferentes. Em primeiro lugar, alguns pais heterossexuais acreditam que, se o seu filho ler um livro com esta temática, é provável que a criança se torne um homossexual. Segundo algumas pessoas religiosas acreditam que a homossexualidade não é aceitável e por causa disso, eles evitam falar de homossexuais ou falam de forma muito negativa sobre eles. Finalmente, as escolas e os professores têm medo de falar sobre estes temática ou ler este tipo de literatura com os alunos, por causa do preconceito dos pais e dos próprios professores e integrantes da escola (Carvalho, 2016, p. 5).

Apesar desses desafios, esse tipo de literatura desempenha um papel fundamental na promoção da diversidade e inclusão desde cedo. Ela oferece às crianças a oportunidade de compreensão e respeito por diferentes orientações sexuais e identidades de gênero. Portanto, a conscientização sobre essas questões, é fundamental para garantir que todas as crianças tenham acesso a uma literatura que reflita a diversidade do mundo em que vivemos.

Portanto, a literatura infantil é um recurso indispensável para a construção de indivíduos conscientes que possam contribuir para a melhoria da sociedade em que estão inseridos. Os contos de fadas não se limitam a divertir, mas também a educar, pois veiculam valores, aprendizados e questionamentos sobre a realidade. Por isso, é imprescindível estimular o gosto pela leitura desde a infância, oferecendo às crianças o contato com livros de diferentes gêneros e temáticas. Dessa forma, elas poderão se reconhecer nas histórias, enriquecer seu acervo cultural e linguístico e aprimorar sua fantasia e emoção. Além disso, a literatura infantil pode favorecer o desenvolvimento de aspectos socioemocionais, como a empatia, a cooperação, e a autoestima, que são fundamentais para o bem-estar pessoal e coletivo.

3.2 A PRINCESA SALVA A SI MESMA¹³

A representação da mulher nos contos de fadas não é estática, mas sim dinâmica e mutável, acompanhando as transformações históricas e culturais da sociedade. Desde os primeiros contos registrados pelos irmãos Grimm até as versões modernas da Disney, as personagens femininas passaram por diversas mudanças, refletindo as diferentes concepções de feminilidade ao longo do tempo.

Há muito tempo a mulher vem sendo representada nos contos de fadas como um ser humano indefeso, frágil e que precisa ser salvo. Isso reflete de maneira escrachada a visão que a sociedade tinha (e muitas vezes ainda tem) do papel da mulher no meio social. Segundo Lima (2016, p.19),

Na antiguidade, a mulher e os filhos viviam no regime patriarcal e eram submissos ao pai, no qual os filhos eram educados para seguirem os mesmos ensinamentos, não tendo direitos nem vontade própria, seguia então, os costumes e os ritos para a permanência e manutenção do patrimônio. Quem julgava o errado ou o certo, como também decidia o futuro dos filhos era o pai, enquanto a mãe, não tinha autoridade nenhuma e não podia dar opinião.

Essa visão da mulher submissa foi recebendo várias críticas de grupos reacionários ao estereótipo de gênero. Uma das modificações marcantes ocorreu com o surgimento do movimento sufragista¹⁴ no início do século XX. Paralelamente a esse processo, as mulheres começaram a ganhar alguns direitos políticos, como também a validação do divórcio. Houve também, devido à segunda guerra mundial, uma necessidade de mão de obra, já que os homens estavam sendo enviados para guerra. Assim as mulheres assumem suas posições e trabalhos que antes eram focados apenas no masculino passam a ser ocupados por elas. Assim,

A Segunda Grande Guerra, trouxe inúmeras mudanças sociais permanentes, que se estenderam ao longo das décadas. Esse grande conflito quebrou o imaginário e a idealização de que o lugar da mulher é em casa cuidando do lar. Pois viu-se necessário contar com a mão de obra feminina, entregando às mulheres funções nunca exercidas por elas antes bem como de engenheiras, motoristas de caminhão, tanque e diversas outras profissões, deixando para trás, regras e

¹³ O título faz referência ao livro de poema *A princesa salva a si mesma neste livro* de Amanda Lovelace.

¹⁴ O movimento sufragista, no início do século XX, lutou com determinação pelo direito das mulheres ao voto.

valores sociais da época, que impactaram o mundo (Morais e Diemer, 2020, p. 2).

A retratação da mulher nos contos de fadas, foi se modificando devido a ascensão do feminismo e aqui trago alguns exemplos, não necessariamente de contos de fadas, mas de autoras que foram revolucionárias para o seu tempo.

Escritoras como Clarice Lispector¹⁵ e Jane Austen¹⁶ escreveram histórias clássicas, transformando personagens passivas em heroínas independentes e subvertendo expectativas tradicionais de gênero.

Jane Austen foi uma das mais importantes escritoras da literatura inglesa, e uma das primeiras a abordar temas relacionados ao feminismo em suas obras. Ela viveu no século XVIII e XIX, uma época em que as mulheres eram vistas como seres inferiores aos homens, e tinham poucas oportunidades de expressar suas ideias e sentimentos. Jane Austen desafiou essas convenções sociais, criando personagens femininas fortes, independentes e críticas.

Em seus romances, Jane Austen retratou com ironia e humor os costumes e os preconceitos da sociedade aristocrática da Inglaterra rural, onde ela mesma viveu.

Ela denunciou a hipocrisia, a vaidade, o orgulho e a ganância que dominavam as relações humanas, e defendeu a importância da razão, da moralidade e do amor verdadeiro. Suas obras são consideradas clássicas da literatura universal e influenciaram gerações de escritores e leitores. Alguns de seus livros mais famosos são "Orgulho e Preconceito", "Razão e Sensibilidade", "Emma" e "Persuasão".

A mudança da representação da mulher nos contos de fadas na contemporaneidade, reflete movimentos que ocorreram na sociedade, decorrentes de lutas de grupos sociais que eram/são desconsiderados por outra parcela da sociedade, que detém poder econômico e mantém valores ideológicos de caráter reacionário. Nas últimas décadas, houve uma tendência crescente de reinterpretar os contos de fadas tradicionais para refletir valores contemporâneos de igualdade de gênero e empoderamento feminino.

¹⁵ Clarice Lispector (1920-1977) foi uma renomada escritora e jornalista brasileira de origem ucraniana. Sua obra, que inclui romances como "A Hora da Estrela" e "A Paixão Segundo G.H."

¹⁶ Jane Austen (1775-1817) foi uma escritora inglesa renomada que se destacou por seus romances marcantes. Suas obras, incluindo "Orgulho e Preconceito" e "Razão e Sensibilidade", continuam a ser amadas por leitores de todo o mundo. Austen é considerada uma das autoras mais influentes da literatura inglesa e sua escrita continua a ser estudada e apreciada até os dias de hoje.

A literatura infantil pode desempenhar um papel fundamental na quebra dos estereótipos que a sociedade de modo geral tem em relação à mulher, ela pode oferecer às crianças a oportunidade de se identificarem com personagens femininas fortes e independentes, ao mesmo tempo em que desconstrói estereótipos de gênero. Portanto,

É gritante a necessidade de representatividade nos contos de fadas trazidos por pais e professores, pois houve resignificação do papel da mulher na sociedade e desde cedo é preciso fazer-se refletir sobre essas transformações e sobre as novas possibilidades que a construção social de ser mulher, pode proporcionar (Menezes, 2017, p 18).

É fundamental reconhecer a importância dessa representação nos contos de fadas, afinal os contos podem ser usados como uma ferramenta importante para a quebra dos paradigmas sociais relacionados ao papel da mulher, como afirma Bettelheim (1976, p. 6),

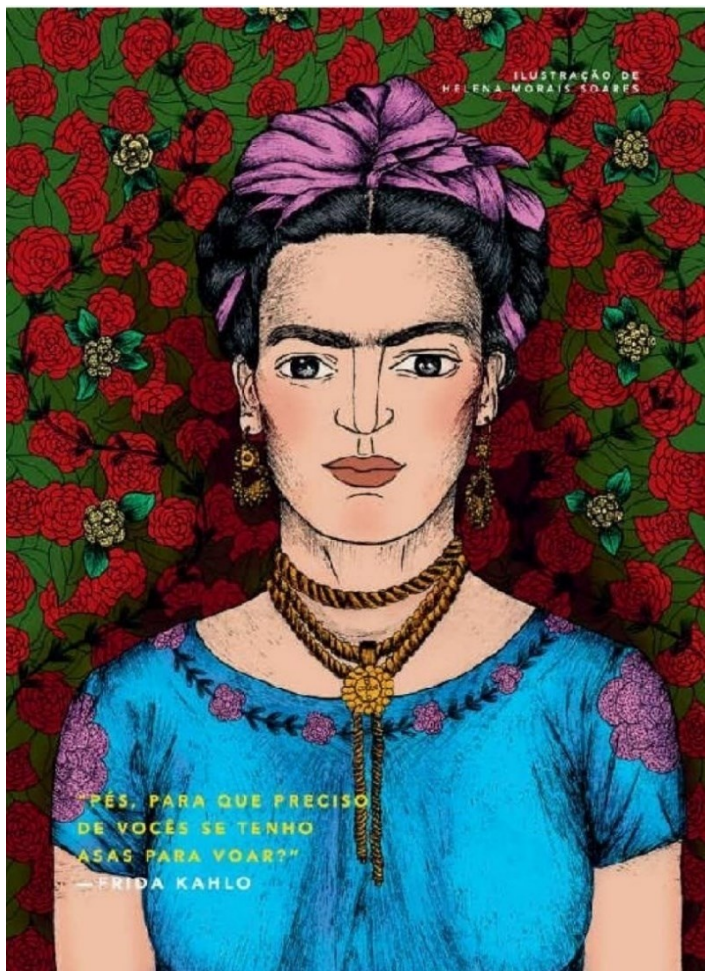
Aplicando o modelo psicanalítico da personalidade humana, os contos de fadas transmitem importantes mensagens à mente consciente, à pré-consciente, e à inconsciente, em qualquer nível que esteja funcionando no momento. Lidando com problemas humanos universais, particularmente os que preocupam o pensamento da criança, estas histórias falam ao ego em germinação e encorajam seu desenvolvimento, enquanto ao mesmo tempo aliviam pressões pré-conscientes e inconscientes. À medida em que as histórias se desenrolam, dão validade e corpo às pressões do id, mostrando caminhos para satisfazê-las, que estão de acordo com as requisições do ego e do superego.

A representação feminina nos contos de fadas desempenha um papel crucial na transmissão de mensagens profundas e significativas à mente consciente, pré-consciente e inconsciente das crianças. Algumas são princesas em busca de amor verdadeiro, enquanto outras são bruxas malévolas ou heroínas destemidas. Essa diversidade de personagens femininas oferece às crianças a oportunidade de explorar diferentes facetas da feminilidade, ajudando a construir uma compreensão mais rica e complexa do mundo ao seu redor.

Nas últimas décadas foram publicados alguns livros que exemplificaram para as crianças que mulheres podem marcar a história. Um exemplo disso é o livro “Histórias de ninar para garotas rebeldes”, que conta a vida de cem mulheres

inspiradoras, desde cientistas e artistas até ativistas e atletas. Uma das figuras retratadas é a pintora mexicana Frida Kahlo, que superou inúmeras adversidades em sua vida e se tornou um ícone da arte e do feminismo.

Figura 7: Representação de Frida Kahlo para o livro Histórias de ninar para garotas rebeldes¹⁷.



Fonte: Histórias de ninar para garotas rebeldes de pôr Elena Favilli e Francesca Cavallo.

À medida que as personagens femininas enfrentam desafios e resolvem problemas, as crianças aprendem a importância da resiliência, da coragem e da determinação. Além disso, muitas vezes, essas histórias também apresentam personagens femininas que desafiam estereótipos de gênero, inspirando as crianças a questionar normas sociais. As personagens femininas muitas vezes desempenham

¹⁷ Histórias de ninar para garotas rebeldes escrito por Elena Favilli e Francesca Cavallo, destaca a vida de mulheres notáveis da história e visa inspirar jovens leitoras a alcançarem seus próprios sonhos, desafiando estereótipos de gênero e celebrando a diversidade.

papéis cruciais nesse processo, demonstrando como é possível seguir os próprios sonhos e desejos, mesmo quando enfrentam desafios.

A importância da representação feminina nos contos de fadas vai além da mera narrativa; ela influencia a maneira como as crianças percebem a si mesmas e o mundo ao seu redor, contribuindo para seu crescimento emocional e intelectual.

Essas personagens femininas que desafiam estereótipos mostram às crianças que elas podem ser o que quiserem, independentemente das expectativas sociais impostas pelo gênero. Por exemplo, em *A Bela e a Fera*, de Ângela Carter¹⁸, a protagonista é uma caçadora habilidosa que salva o príncipe da maldição da fera, invertendo o papel tradicional de donzela em perigo.

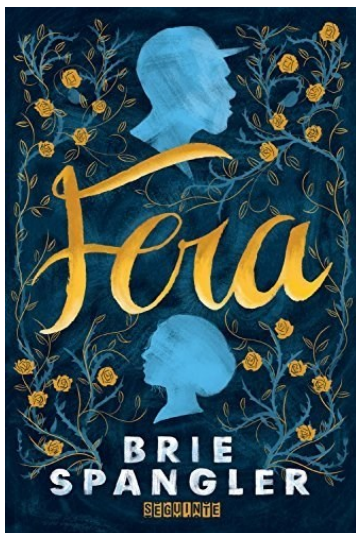
A representação da mulher nos contos de fadas na atualidade são reflexos das transformações culturais e sociais que ocorreram ao longo do tempo, impulsionados por movimentos contrários a determinados posicionamentos e preconceitos hegemônicos. Ao reescrever os contos de fadas tradicionais com uma perspectiva feminista, as escritoras contribuem para a construção de uma nova visão de mundo, mais inclusiva e diversa, que valoriza as diferentes formas de ser mulher.

¹⁸ Angela Carter (1940-1992) foi uma influente escritora britânica cujas obras, como "The Bloody Chamber," desafiaram normas de gênero e exploraram temas feministas.

4 APRESENTAÇÃO DE (RE)CONTOS DE FADAS: SUGESTÕES E POSSIBILIDADES PARA LEITURA

Neste capítulo, irei apresentar algumas obras literárias que podem enriquecer a leitura e a compreensão dos contos de fadas. Trago sugestões de livros que mostram como os contos foram modificados ao longo do tempo, como resistência e posicionamento em relação a concepções hegemônicas e estereotipadas. Nesse contexto, mostro também, alguns livros infantis que apresentam personagens e situações que valorizam a diversidade, a inclusão e o respeito. Esses livros são importantes para o desenvolvimento, pois estimulam a imaginação, criatividade e empatia.

Fera, de Brie Spangler.



Fera é um romance que conta a história de Dylan, um garoto de 15 anos que sofre de gigantismo e se apaixona por Jamie, uma garota transgênero. O livro explora os temas da identidade, do preconceito e da aceitação.

O Livro das Coisas Perdidas, de John Connolly.



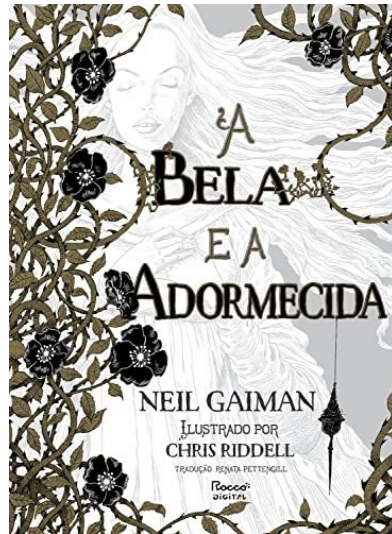
O Livro das Coisas Perdidas é uma história sobre um menino chamado David que, após a morte da mãe, se refugia nos livros para escapar da realidade. Um dia, ele ouve a voz do seu livro favorito, que o convida a entrar em um mundo fantástico, onde as histórias que ele conhece são distorcidas e perigosas. Lá, ele encontra um rei moribundo, um caçador de lobos, um cavaleiro de armadura enferrujada e uma criatura misteriosa que quer roubar o seu coração. David terá que enfrentar seus medos e desafios para voltar para casa e encontrar a felicidade.

João e Maria, de Neil Gaiman.



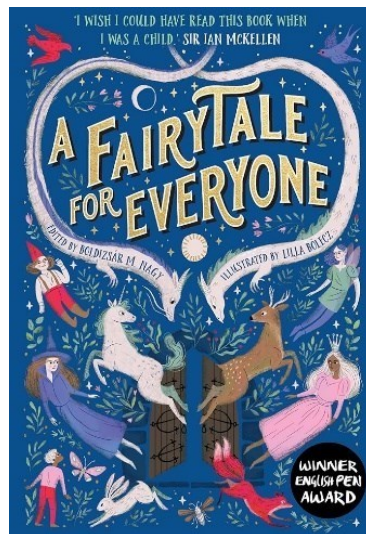
Nessa versão de *João e Maria* o autor Neil Gaiman reconta a história clássica, trazendo mais profundidade ao conto.

A Bela e a Adormecida, de Neil Gaiman.



Assim como fez em *João e Maria* essa versão de *A Bela adormecida*, reconta a história e traz certa profundidade ao conto.

A Fairytale for Everyone, de Boldizsár M Nagy.



O livro *A Fairytale for Everyone* é uma coleção de contos de fadas modernos que exploram temas como a diversidade, a inclusão, a amizade e o amor. Cada história é inspirada em um conto de fadas clássico, mas com uma reviravolta criativa e divertida. Por exemplo, na história “A Bela e a Fera”, a Bela é uma menina cega que se apaixona pela voz da Fera, que é um cantor famoso. Na história “A Pequena Sereia”, a Sereia é uma garota trans que deseja ter um corpo que corresponda à sua identidade de gênero. Na história “A Branca de Neve”, ela é uma princesa negra que

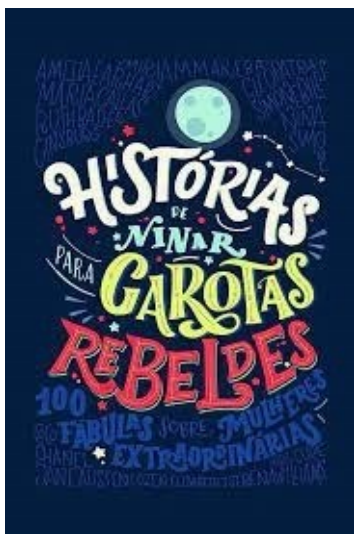
foge da rainha racista e encontra refúgio na casa dos sete anões, que são ativistas sociais.

Minha sombra é rosa, de Scott Stuart.



Minha sombra é rosa conta a história de um menino que tem uma sombra rosa e que enfrenta o bullying e o preconceito por ser diferente. O livro mostra como ele aprende a aceitar e celebrar sua sombra, com o apoio de seu pai e de seus amigos.

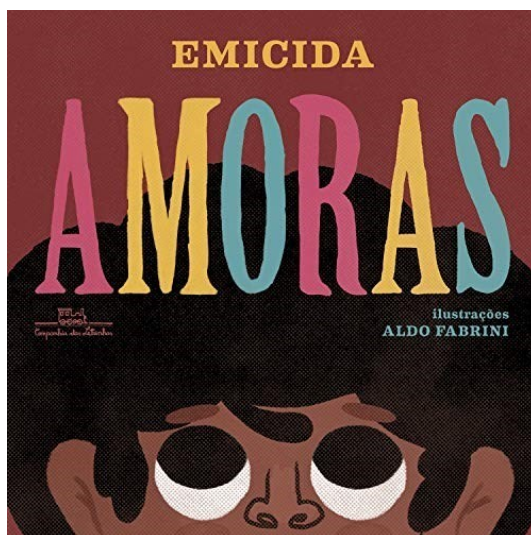
Histórias de Ninar para Garotas Rebeldes, de Elena Favilli e Francesca Cavallo.



Histórias de Ninar para Garotas Rebeldes é um livro inspirador que conta a vida de 100 mulheres extraordinárias que mudaram o mundo. De cientistas a artistas, de ativistas a esportistas, de rainhas a piratas, cada história é uma lição de coragem,

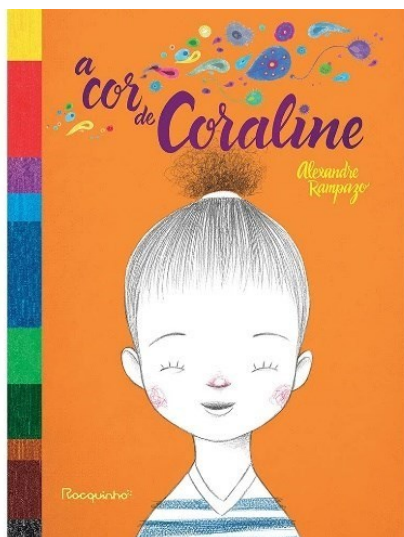
determinação e sonhos.

Amoras, de Emicida.



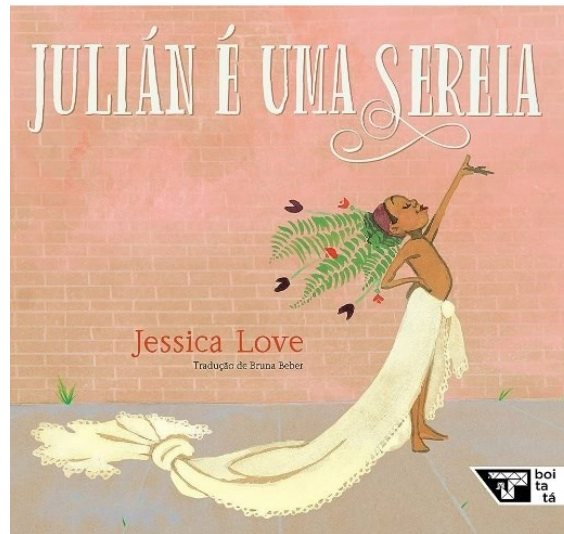
Amoras de Emicida é um livro infantil que celebra a beleza e a diversidade da cultura afro-brasileira.

A Cor de Coraline, de Alexandre Rampazo.



A Cor de Coraline explora a aceitação de diferentes cores de pele através da história de uma menina que deseja ser igual às outras.

Julián é uma Sereia, de Jessica Love.



Julián é um menino que adora sereias. Um dia ele resolve se fantasiar de sereia usando a cortina de sua avó, mas fica com receio de que ela não goste de sua fantasia. Esse livro aborda o medo, aceitação e diversidade.

CONCLUSÃO

Propusemos para este Trabalho de Conclusão de Curso *Era uma vez e agora é assim: uma análise das versões dos contos infantis do passado para a atualidade*, compreender as alterações ocorridas tanto nos contos de fadas quanto na literatura em geral e a razão dessas histórias irem se modificando frente a embates, resistências e alterações de valores sociais.

Para tanto, buscamos analisar alguns dos livros contemporâneos na intenção de ressaltar aspectos relacionados à importância da representatividade na atualidade e também procuramos destacar referências atuais que podem contribuir para o processo de formação humana.

Por meio de fontes de estudos variadas, concluímos que os contos de fadas têm origens surpreendentemente sombrias e vão se alterando ao longo do processo histórico, atendendo a determinadas concepções e ideologias de época e, na contemporaneidade, outras questões se colocam, impulsionadas por movimentos contrários a determinados posicionamentos e preconceitos hegemônicos, como é o caso da ideia de representatividade no que diz respeito a gênero, raça, classe social.

Os contos de fadas, como o da Cinderela, refletem aspectos culturais, mas também as normas de beleza e as expectativas de gênero de uma sociedade. A representação dos pés de lótus na história chinesa de Ye Xian e dos delicados sapatinhos de cristal na história ocidental da Cinderela são exemplos disso. Essas histórias nos mostram como as narrativas são capazes de transmitir valores culturais e reforçar ideais de feminilidade e status social, destacando a importância de analisar criticamente as mensagens que elas transmitem.

A introdução de personagens diversos e modelos empoderadores tem o poder de inspirar uma nova geração de crianças, promovendo o senso de pertencimento e fortalecendo sua autoestima. Além disso, a representação inclusiva nos contos de fadas desempenha um papel importante na formação das percepções e valores das crianças, podendo combater os estereótipos. A literatura infantil, incluindo os contos de fadas, desempenha um papel essencial na educação das crianças, promovendo a criatividade, reflexão e possibilitando a transformação dos sujeitos. Portanto, é fundamental incentivar o acesso a livros de qualidade e diversidade desde cedo.

A representação da comunidade LGBTQIAP+ na literatura tem sido cada vez mais presente e relevante. Embora a representação LGBTQIAP+ na literatura voltada para o público jovem adulto esteja em ascensão, a inclusão desses temas na literatura infantil ainda enfrenta desafios políticos e sociais. A polêmica em torno da inclusão ou exclusão desses livros nos currículos escolares reflete os preconceitos presentes na sociedade.

A representação da mulher tanto nos contos de fadas quanto na literatura em geral, ganhou um novo formato ao longo do tempo, refletindo as lutas de movimentos que se posicionaram na contra-hegemônica. A ascensão do feminismo e a luta por igualdade de gênero trouxeram mudanças significativas na forma como as personagens femininas são retratadas, promovendo a independência, a força e a quebra de estereótipos de gênero. A literatura infantil desempenha um papel essencial na desconstrução desses estereótipos e no empoderamento das crianças, permitindo que elas se identifiquem com personagens femininas diversas e inspiradoras. A representação feminina nos contos de fadas contribui para o crescimento emocional e intelectual das crianças, ensinando-lhes valores como resiliência, coragem e determinação e incentivando-as a questionar normas sociais e seguir seus próprios sonhos.

Enfim, a literatura infantil, incluindo os contos de fadas, é uma ferramenta poderosa na educação das crianças, capacitando-as a questionar normas sociais, abraçar a diversidade. Portanto, é fundamental promover o acesso a uma variedade de livros de qualidade que reflitam mudanças culturais valores contemporâneos, capacitando as crianças a crescerem como sujeitos críticos, compassivos e conscientes de sua capacidade de contribuir para transformações do mundo ao seu redor.

REFERÊNCIAS

- ANDERSEN, Elenice. A leitura de emoções no livro infantil ilustrado: palavras e imagens. **Revista Prolingua**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 16-27, 5 ago. 2019
Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/48725>.
Acesso em: 19 jul. 2023.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009. 448 p.
- CARVALHO, Rayla do Nascimento. **Literatura LGBT para crianças**: analisando a sua inclusão no currículo como uma ferramenta pedagógica. Paraíba: XII Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades, 2016.
- COELHO, Carolina Caires, et al. **Os contos de fadas em suas versões originais**. local: Wish; janeiro, 2019.
- CORSO, Diana; CORSO, Mario. **Fadas no divã**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DANIELI, Lisiane Andriolli. Do céu ao inferno: a formação lésbica em o poço da solidão, da radclyffe hall. **Letras & Letras**, [S.L.], v. 38, n. 8, p. 1-23, 31 dez. 2022. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia. <http://dx.doi.org/10.14393/II63-v38-2022-10>. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/62174>. Acesso em: 09 out. 2023.
- HUECK, Karin. **O lado sombrio dos contos de fada**. São Paulo: abril, 2016. 292 p.
- LIMA, Rerilene Ferreira de. **O Feminismo nos contos de fadas tradicionais: espectros da submissão e da resistência**. 2016. 46 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras, Letras Clássicas e Vernáculos, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.
- MENEZES, Carolina Schneider. **A evolução das mulheres pelos contos de fadas e suas representações no universo feminino** 2017. 36 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, 2017.
- MEREGE, Ana Lucia. **Os contos de fadas**. São Paulo: Claridade, 2010.
- MORAIS, Carolina Stack de; DIEMER, Cristina Kunzler. **Força feminina: o papel das mulheres na segunda guerra mundial e a redefinição da mulher na sociedade**. XXVIII Seminário de Iniciação Científica, Santa Rosa, 20 out. 2020.
- NIEHUES, Mariane Rocha; COSTA, Marli de Oliveira. **Concepções de infância ao longo da história**. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/rtc/article/view/420/342>.
Acesso em: 23 set. 2023.

PARREIRA, Talita Maria Botelho Mantovani. **Estudo acerca dos contos de fadas e adaptações audiovisuais.** 2021. Disponível em: <https://doity.com.br/media/doity/submissoes/artigo-3dc8ab943a1ee9d7b5f1f41c343579372f75d7f6-arquivo.pdf>. Acesso em: 23 set. 2023.

TAVARES, Olívia Pereira. **A potência da representatividade de uma Ariel negra: a corporeidade negra como território de desconstrução do racismo.** Diversidade e Educação, [S.L.], v. 9, n. 2, p. 293-316, 28 jan. 2022. Lepidus Tecnologia. <http://dx.doi.org/10.14295/de.v9i2.13609>.

VERÇOSA, Hewertton Ferreira. **A representatividade LGBT na literatura infantojuvenil contemporânea.** 2017. 20 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras – Língua Portuguesa, Letras, Universidade do Estado do Amazonas., Amazonas, 2017.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade (org.). Belo Horizonte: Autêntica; 2007, p. 35-82.